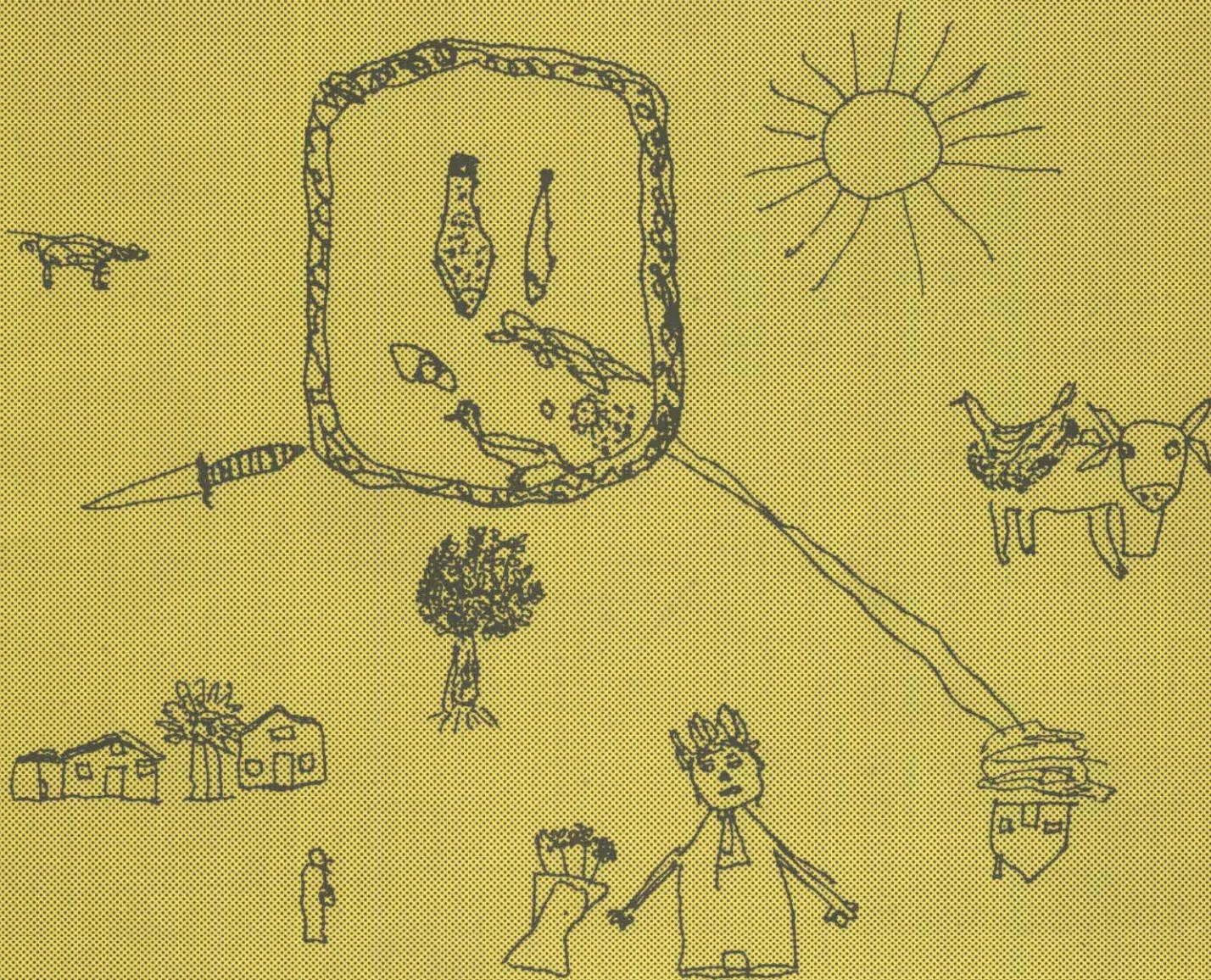


OFAIÉ



O POVO DO MEL

CIMI-MS

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – CIMI
Órgão Anexo à CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
Regional Mato Grosso do Sul
C. Postal 2493
79010 – CAMPO GRANDE-MS

APOIO
Prefeitura Municipal de Brasilândia-MS

TEXTO
Carlos Alberto dos Santos Dutra

REVISÃO E PROJETO GRÁFICO
Benedito A. Prezia

ILUSTRAÇÕES
Alberto Dias Alves e crianças Ofaié

CAPA
José Carlos de Souza, Ofaié (12 anos)

COMPOSIÇÃO, ARTE E IMPRESSÃO:
Printer Gráfica e Formulários Contínuos Ltda. - Fone: (061) 226-0457

OFAIÉ, O POVO DO MEL

**CIMI-MS
1991**

Í N D I C E

Uma palavra	5
Povos Indígenas do Mato Grosso do Sul	6
O povoamento do mundo	7
O povo Ofaié	9
Suas casas	10
A caça e a pesca	12
Os instrumentos de caça	14
O trabalho na aldeia	17
O nascimento das crianças	19
A preparação das meninas	21
O ritual dos adolescentes	22
A música	23
O casamento	25
A chefia da aldeia	27
A morte	28
A origem do mel	30

Este pequeno livro quer contar como vivem os índios Ofaié Xavante, desde o começo da história do Mato Grosso até os dias de hoje.

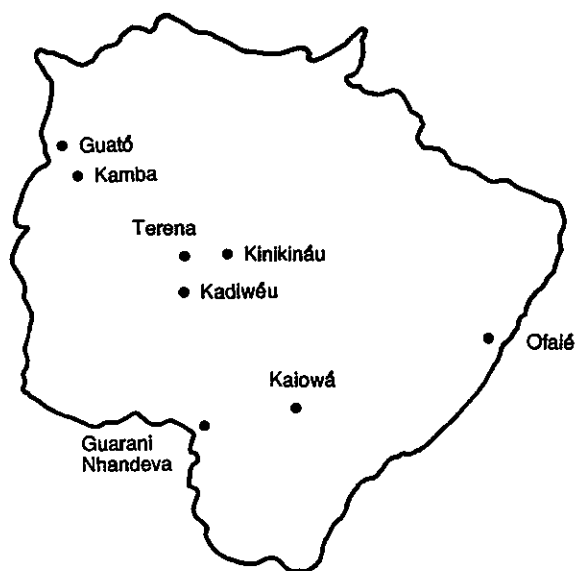
É o resumo de escritos de vários autores reunidos. Mas tem por base o trabalho realizado pelo antropólogo Darcy Ribeiro que conheceu e pesquisou a vida desses índios por muitos anos. A este estudioso o nosso agradecimento por não ter deixado que fossem esquecidos os costumes antigos desse povo. Hoje, os Ofaié ao lerem a história de seu povo, ficam orgulhosos de ainda conservarem alguns de seus antigos costumes e sua língua materna.

Este livro é dirigido para alunos de 1^a a 4^a séries das escolas da rede estadual, municipal e particulares. Quer ser também um subsídio didático que possa auxiliar os professores a conhecer um pouco mais da cultura ofaié.

Tem o apoio do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, através da Secretaria de Educação e Cultura e da Prefeitura Municipal de Brasilândia. Na Lei Orgânica deste município ficou assegurado a participação da história dos índios Ofaié no currículo das escolas (Artigo 79 § 1º da Lei Orgânica Municipal).

A todos os professores e alunos uma boa leitura, um bom estudo. E vamos lá conhecer a vida, os costumes e a história do povo Ofaié.

POVOS INDÍGENAS DO MATO GROSSO DO SUL



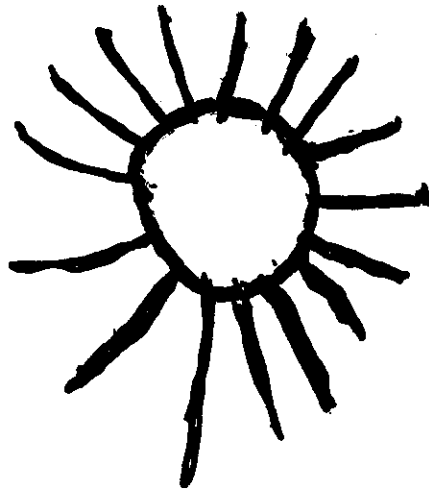
Os primeiros moradores de nossa terra foram os povos indígenas, que no ano de 1500 eram mais de 5 milhões de pessoas. Hoje são apenas 250 mil, espalhados por quase todos os Estados do Brasil.

Apesar deste grande massacre, no Mato Grosso do Sul ainda existem várias nações indígenas. São mais de 35 mil pessoas vivendo em diversos pontos do Estado e pertencentes ao povo Terena, Kinikinau, Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva, Guató, Kamba e Ofaié.

Apesar de serem todos chamados de índios, cada um pertence a uma nação com língua e costumes próprios.

Neste livro vamos conhecer o povo Ofaié e sua história.

O POVOAMENTO DO MUNDO



Há muito tempo o sol andava sempre de intriga com sua irmã gêmea, a lua. Tudo era gente naquele tempo. O sol sabia tudo, sabia fazer tudo o que queria.

Este sol era o chefe dos homens, mas era bem ruim, não prestava mesmo. A lua, ao contrário, já era do lado dos homens, ajudava os homens contra o sol.

Nesta época, não tinha caça nenhuma, não tinha nada no mato. Os homens corriam pelo mato e não encontravam nada. Estava tudo bem ruim para eles.

Por isso eles queriam matar o sol, e a lua estava do lado dos patrícios. Mas ninguém podia com o sol. Ele sabia de tudo.

Foi um dia que a lua ensinou aos patrícios a fazer uma roda de fogo para matar o sol. Os homens chegaram no mato seco, rodearam o sol e tocaram fogo no mato. Pensaram que o sol desta vez estava perdido, todo rodeado de fogo.

Mas ele arranhou um jeito de aparecer uma lagoa perto dele e entrou dentro d'água. Saiu bem rápido e chegou na aldeia antes dos homens.

Quando os homens voltaram, o sol já estava lá. Os homens ficaram bravos, mas não podiam mesmo com este sol.

O sol queria que os homens virassem bicho, mas a lua não deixava. A lua falava assim:

- Coitados, larga eles. Virá bicho prá quê?
- Que nada, irmã. Vou levá e fazê tudo virá bicho.

Então, o sol chamou os patrícios e falou que no mato estava cheio de frutas boas. Os homens estavam morrendo de fome e se foram atrás do sol.

Acharam uma jaboticabeira, subiram e começaram a chupar fruta. O sol, que estava no chão, pegou um pau e começou a balançar a jaboticabeira fazendo uma ventania. Os homens balançavam quase caindo lá de cima. Gritavam, mas não tinha jeito, o sol não parava.

Aí os patrícios pegaram uma cordinha e começaram a se amarrar nos galhos da árvore para não cair. Então o sol fez uma coisa e cada patrício virou um bicho.

O que virou anta era muito pesado, caiu e saiu correndo. Os outros que caíam iam virando quati, cotia.

Os que caíam no chão viravam bicho, os que ficavam em cima viravam macaco e para escapar pulavam nas outras árvores. O último virou bugio.

O bugio começou a puxar os paus do mato e fez crescer um exagero. Aí apareceram as perobas, os cedros altos desse jeito. Pegou os paus e trançou tudo em cima, fechando o mato todo.

Passado algum tempo, o sol chamou os homens pra caçar outra vez e disse: – Ó meus filhos, agora vocês podem caçar, tem muita caça aí nesse mato.

Os homens estavam com medo, pois o mato tinha crescido demais. Mas tinha muita caça, bandos de macacos que não acabavam mais. O sol atraía o macaco, chegava perto e flechava para ensinar os homens a caçar.

Agora tinha bastanta caça ali.



Antigamente os Ofaié viviam de caça, pesca e coleta de frutas e mel.

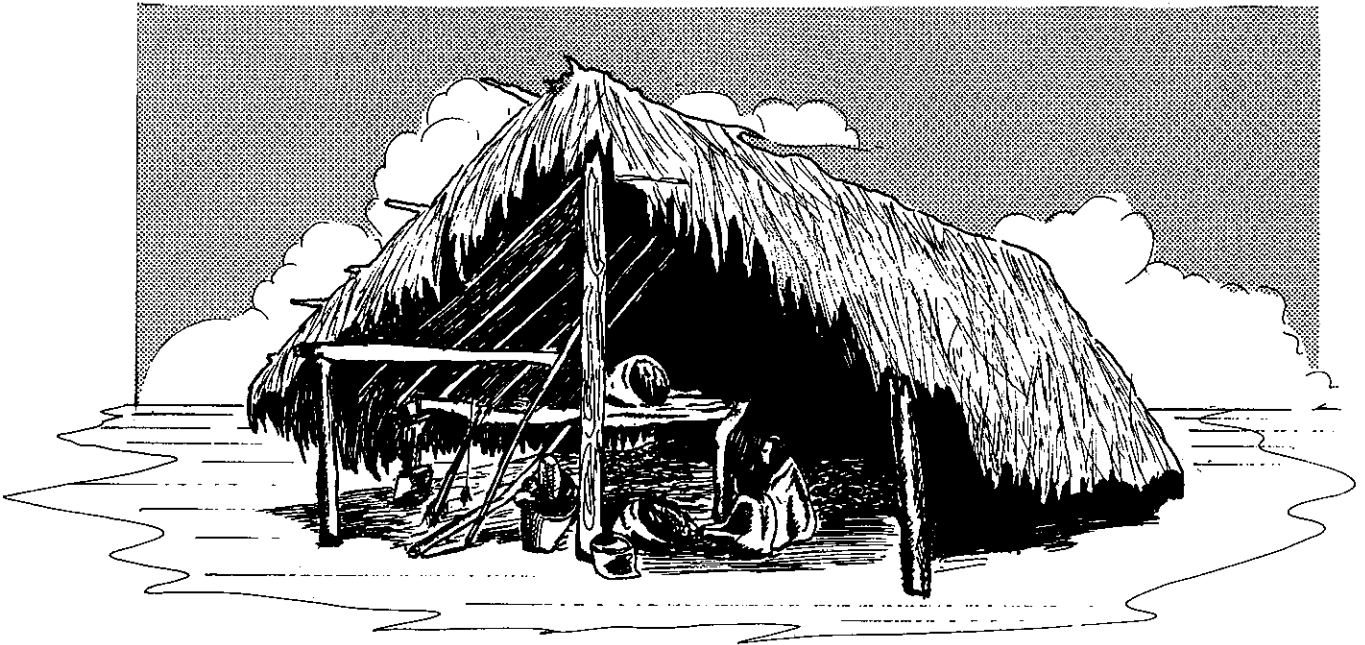
Construíam seus acampamentos à beira dos rios, ocupando uma grande área, que ia do rio Sucuriú até às nascentes dos rios Vacaria e Ivinhema, no atual Estado de Mato Grosso do Sul.

São baixos e tímidos, mas muito alegres e amigos.

Gostam de falar devagar e suave.

As mulheres são carinhosas com seus filhos e os homens sempre consultam as esposas antes de tomar qualquer decisão importante.

SUAS CASAS



O

povo Ofaié sempre morou em pequenos grupos. Como viviam da colheita de frutas, o pequeno grupo facilitava os deslocamentos.

Suas casas eram construídas com troncos de árvores e cobertas com folhas de palmeiras ou sapé.

Edificadas em forma de círculo, as casas formavam no centro da aldeia um pátio, onde todos dançavam e realizavam seus jogos.

Para melhor se defenderem do sol e da chuva, construíam o telhado bem longo, até quase o chão.

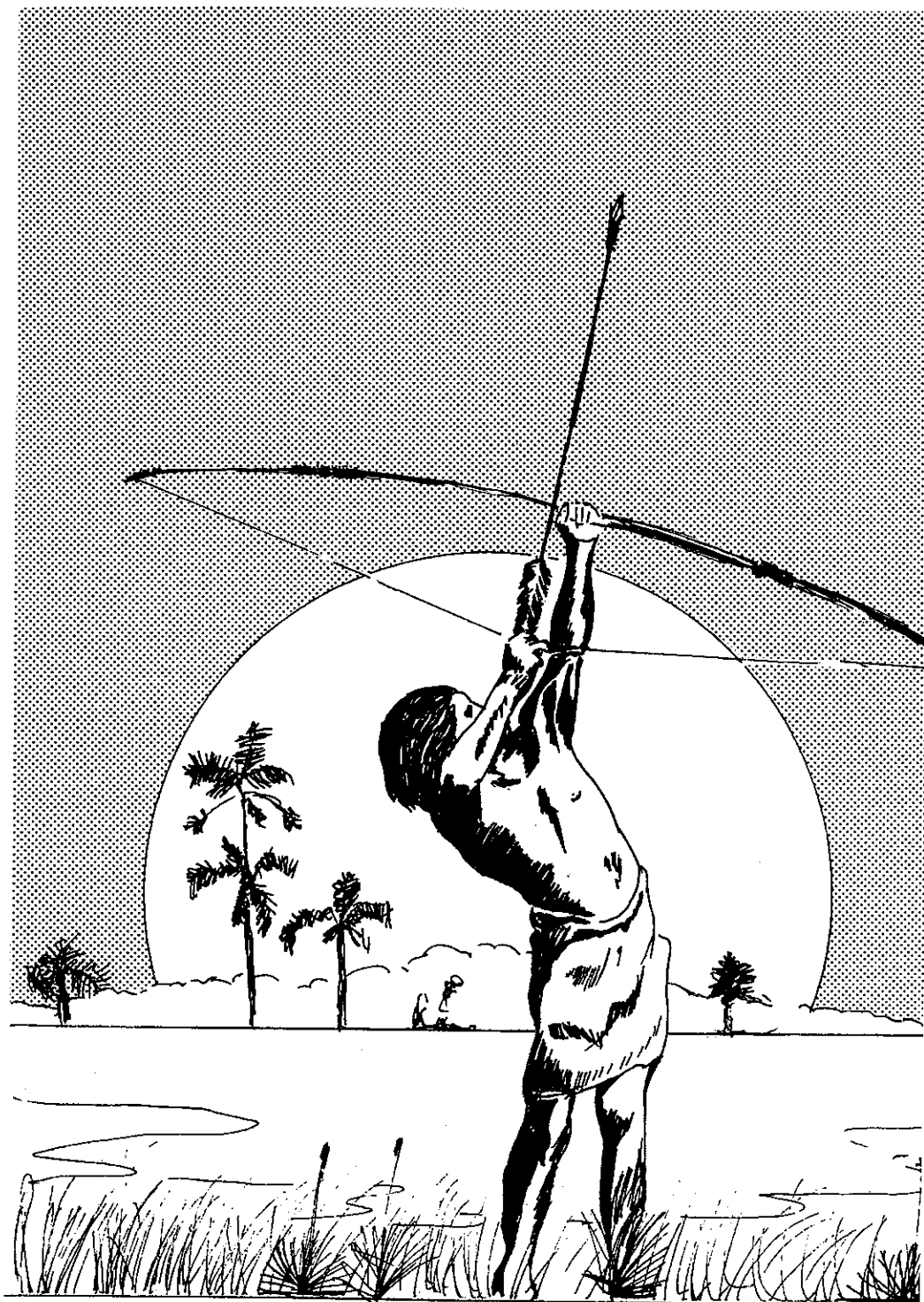
Na época do frio, para se aquecerem, cavavam um buraco no chão, onde dormiam, forrados de capim e envoltos em peles de animais.

Acendiam também no centro a casa, uma fogueira, em cima de um pequeno monte de terra, proveniente do buraco cavado.

Como nem todos podiam aproveitar-se deste calor da mesma maneira, seguiam uma norma. Mais próximo do fogo ficava o chefe, depois as mulheres com suas crianças e finalmente os homens.

Todos dormiam com a cabeça voltada para o centro, que era a parte mais aquecida da casa.

A
CAÇA
E A
PESCA



Durante a seca, os rios ficam com pouca água, facilitando a pesca. Por isso esta é a época das pescarias. Mas também é a época dos mosquitos. Assim os Ofaié deixam os campos e as matas, mudando-se para a beira dos rios.

Com a fartura de peixe, eles realizam grandes festas religiosas, quando a alegria toma conta de todos.

Com a chegada das chuvas, aparecem os frutos, que são por eles coletados. Atraídos pelas frutinhas que caem das árvores, os animais também se tornam mais numerosos e são mais fáceis de serem caçados. É portanto a época das caçadas.

Nesta ocasião os Ofaié colhem o mel, produto muito apreciado por eles.

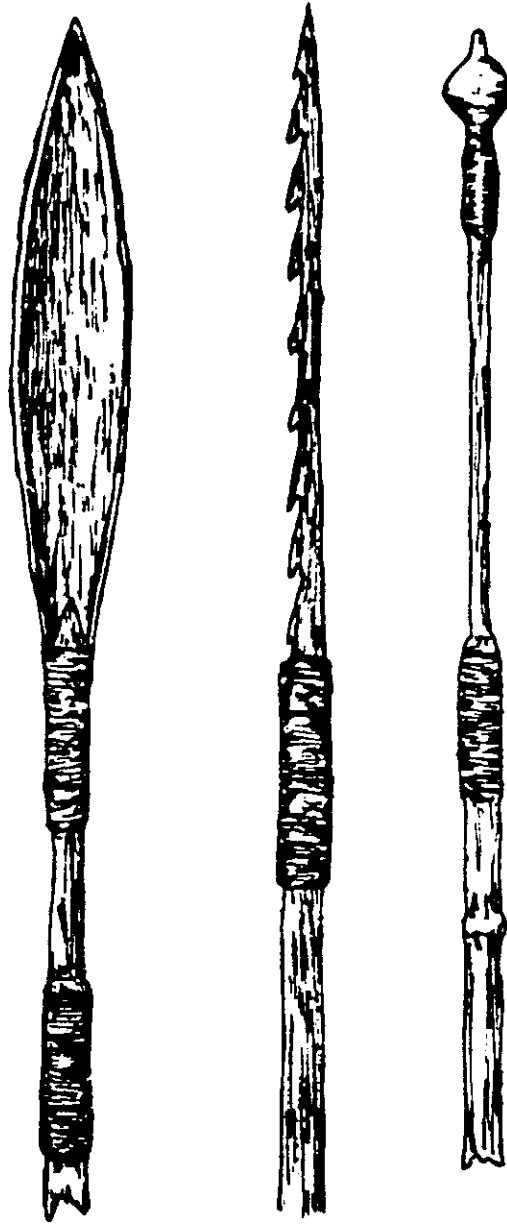
Como ficam fora da aldeia por vários dias, eles constroem abrigos provisórios, para passar a noite.

Muitas vezes estas expedições duram mais de uma semana.

Os Ofaié, como as outras nações indígenas, só matam animais para comer. Assim eles não destroem a natureza.

A floresta é a mãe que sempre os alimenta.

**OS
INSTRUMENTOS
DE
CAÇA**



Para caçar, eles usam o arco e as flechas. Além de serem bonitos, são instrumentos muito bem trabalhados.

Os arcos são grandes, medindo um metro e meio. São feitos de brejeúva, conhecida também como pau preto ou roxinho.

As pontas dos arcos são recobertas com a casca de cipó imbé.

A corda do arco é feita com a fibra da palmeira bocaiúva ou com caraguatá, cuja folha se parece com a folha do abacaxi.

A preparação desta fibra, que exige um certo trabalho, é feita pelas mulheres.

As flechas para a caça são longas, podendo chegar até a um metro e sessenta centímetros. São feitas de taquari, que é um caniço bem reto. Levam também enfeites de penas de arara, mutum ou gavião.

As penas, presas com fio de algodão, são colocadas em forma de espiral para um melhor equilíbrio da flecha.

As pontas das flechas são feitas de madeira muito dura, geralmente o alecrim da mata.

Para pesca e caça miúda, a ponta de flecha é diferente, possuindo de 20 a 60 farpas. Deste modo, quando atinge o animal, dificilmente ela sai, atrapalhando assim a fuga.

Para os pássaros, os Ofaié usam uma flecha com ponta rombunda, cuja finalidade é provocar uma forte batida. Com o choque, o pássaro fica atordoado e cai.

Para a caça de grandes animais, eles usam uma lança, cuja ponta é feita de osso ou metal.



Os filhos. Deste modo, quando atinge o animal, dificilmente ele se desgarra e
sempre a vida.
- Para se defender, os Otalo usam uma técnica com penas compridas, que li-
nham a cabeça e o corpo. Com o corpo, o ganso faz estardalhaço e ca-
Para a cada um desses animais, eles usam uma técnica, seja com a vida de
esse ou outro.

O TRABALHO NA ALDEIA

Todo trabalho na aldeia é repartido entre os homens e as mulheres, segundo a idade e o tipo de tarefa.

Entre os homens, os jovens se encarregam da caça e das disputas esportivas. Os demais cortam e trazem a lenha do mato, fazem as casas, os arcos e as flechas.

As mulheres, mesmo as meninas, realizam os trabalhos caseiros, colhem frutos e o mel silvestre. Preparam as fibras para as cordas dos arcos e para a confecção de suas tangas.

Elas costumam também ajudar os homens a fazer os arcos e as flechas, que são os mais bonitos do Mato Grosso do Sul.”

Outra atividade das mulheres é a preparação da chicha, que é uma bebida feita com milho fermentado, e muito usada por ocasião das festas e dos jogos.

0
TRABALHO
NA
ALDEIA



trabalho é o meu trabalho. Primeiro de tudo para as crianças dos anos e para a comunidade de São Paulo.
Essas crianças também ajudam os pais e mães a fazer o trabalho e as atividades.
que são os meus trabalhos no Mato Grosso do Sul.
Outra atividade das mulheres é a preparação do chá, que é uma bebida
frita com mel e açúcar, e muito usada por ocasião das festas e dos jogos.

O NASCIMENTO DAS CRIANÇAS

Durante a gestação de uma criança os Ofaié observam determinadas regras.

A mãe não pode comer carne de veado ou cateto, pois se comer ficará louca.

O pai não pode assistir o nascimento. Na hora do parto ele deve sair para caçar, sendo a esposa assistida por outras mulheres.

Depois que nasce a criança, ao contrário de alguns povos indígenas, o pai não observa o resguardo. Pelo contrário, ele tem que trabalhar muito.

Se permanecer em casa sem fazer nada, o filho poderá ficar preguiçoso. Por isso o homem Ofaié, neste período, vai trabalhar fora.

Antigamente o nome da criança era escolhido pelo pajé, que é rezador. Este cantava noites seguidas até descobrir o nome, que costumava ser o de um pássaro. Assim o pássaro tornava-se uma espécie de protetor para a pessoa, não podendo ela caçá-lo.

O
NASCIMENTO
DAS
CRIANÇAS



Se permanecer em casa sem fazer nada, o filho poderá ficar prejudicado. Por isso a família precisa trabalhar.

Além disso, a mãe precisa ter certeza de que o filho não ficará sozinho. É importante que ela esteja sempre perto dele, que ele não se perca.

Assim, o pai precisa ter um espaço de proteção para o filho, não podendo deixar ele sozinho.

A PREPARAÇÃO DAS MENINAS

Quando a menina apresenta sua primeira menstruação, ela fica fechada na casa de seus pais por vários dias. Não pode falar com ninguém, alimentando-se apenas de água e mel.

Já no primeiro dia a mãe tira-lhe as sombrancelhas e cílios. Corta-lhe o cabelo e pinta o corpo da menina com urucum e mel.

Passado aquele período, a menina começa receber a visita das mulheres da aldeia que vem lhe ensinar o que deve saber sobre o casamento e os cuidados a ter com os filhos e com o marido.

Depois de três a quatro meses de reclusão, ela está preparada para o casamento.

0 RITUAL DOS ADOLESCENTES



Desde cedo os meninos ganham do pai um conjunto de arco e flecha para as competições esportivas, que se realizam todas as tardes, entre meninos da mesma idade.

Enquanto são crianças, não podem comer carne ou mel, alimentos de adultos. Só podem comer mingau de milho ou de mandioca e beber chicha.

Quando chegam à adolescência, tem que se submeter a algumas provas que o irmão preparar para a vida dos adultos.

Durante vários dias, em dois grupos, eles disputam muitas provas com flechas e paus. Depois disto, poderão participar de caçadas e outras atividades próprias do adulto e também se casar.



Ofaié é um povo alegre. Antes eles viviam cantando e dançando.

Seus instrumentos preferidos eram a flauta e o pequeno chocalho, usado para dar ritmo ao canto.

O canto era sem palavras e formado por um coro de várias vozes. Enquanto cantavam e dançavam, eles bebiam chicha. Dançavam em grupo, avançando e recuando, de mãos dadas.

Devido à situação em que vivem hoje, eles já não cantam mais. O último canto foi feito, há anos, por uma mulher de 89 anos, que num lamento muito triste, contou a vida de seu povo.

MUSICA



0 CASAMENTO

P

ara se casar, o rapaz geralmente vai buscar sua companheira em outra aldeia ou em outra família.

Não existe nenhuma cerimônia especial para comemorar o casamento. É o rapaz quem se muda para a família de sua esposa e só volta à antiga aldeia por ocasião das festas.

O casal se separa quando o marido não é capaz de sustentar a mulher. Neste caso o sogro o expulsa, acusando-o de mau caçador.

Separada, a mulher tem o direito de procurar outro marido.

Por sua parte, o antigo marido poderá ficar naquela aldeia até encontrar outra companheira.



A CHEFIA DA ALDEIA

O

chefe ou o líder, era uma das pessoas mais importantes da aldeia. Esta autoridade passava-se de pai para filho.

Quando o herdeiro não correspondia a este cargo, a comunidade escolhia um outro líder entre os homens mais valentes e com mais sabedoria.

A casa do chefe ficava num lugar especial, em frente a uma estrada larga que levava ao rio e que tinha que estar sempre limpa.

Para se distinguir dos demais, o chefe usava bonitas flechas enfeitadas com penas de gavião.

A
MORTE

A
CHERIA

ALDEIA



Os Ofaié acreditam que quando uma pessoa morre, seu espírito vai para um lugar muito bonito e com muita caça.

Para enterrar os falecidos, eles levavam o corpo bem distante da aldeia. Cavavam dois buracos, que eram ligados por baixo e os forravam com lascas de madeira.

Em seguida depositavam o morto, enrolado numa esteira, com a cabeça virada para o nascente. Cobriam o corpo com mais lascas de madeira, colocando terra por cima. Depois, quebravam galhos de árvore em torno da sepultura, até cobri-la.

Terminado este ritual, o pajé ficava cantando até que todos os parentes do falecido se distanciasse.

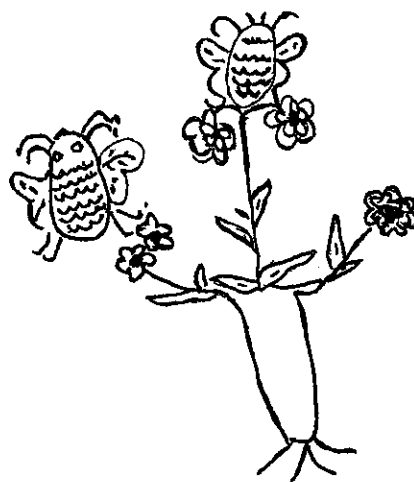
O espírito dos mortos fica vagando na companhia dos animais e por isso é que manda caça para seus amigos, que estão vivos.

Se alguém sonha com o falecido, precisa então voltar à sepultura e limpar o mato próximo, pois é sinal de que ele está precisando de alguma coisa.

Por um mês, os parentes próximos do morto tinham que ficar dentro de casa, sem sair. Durante este tempo, na casa era queimado um cipó perfumado.

Se por acaso alguém saísse, tinha que ser acompanhado por outra pessoa. Neste período os amigos ou parentes traziam alimentos leves e água.

A ORIGEM DO MEL



Uma história do povo Ofaié

No começo do mundo o lobo guará era dono do mel. Todos os dias seus filhotes amanheciam com o peito lambusado de mel.

Apenas ele e seus filhotes conheciam o mel e ninguém mais podia provar.

Todos os animais iam pedir mel para o lobo, mas ele não dava. Quando as crianças pediam mel, o guará dava a fruta do araticum do campo, dizendo que era mel.

Um dia o jaboti disse que ia conseguir trazer o mel para todos. E foi até a toca do guará e disse:

– Eu vim buscar o mel que você tem.

O guará respondeu:

– Não tenho mel nenhum. Onde é que você ouviu falar disto?

– Ora, na minha região todo mundo sabe que você tem mel, disse o jaboti.

E eu quero provar dele.

– Tá bom. Então deita aí debaixo desta porunga e chupa o mel dela.
Quando o guará viu o jaboti deitado, chamou os filhotes e mandou trazer lenha.

– Agora vamos comer este bichinho assado, disse satisfeito.
Tocaram fogo e o jaboti continuou chupando mel. O guará ficou zangado, pois o jaboti não fazia caso do fogo e continuava chupando mel.

Quando a porunga roncou, já não tinha mais mel. O jaboti então se virou, espalhou as brasas e disse:

– Bom, agora que já provei o mel, você tem que dar o mel para meus companheiros.

Mais que depressa, o guará saiu correndo e o jaboti atrás dele, juntamente com uma bicharada, disposta a pegá-lo.

O lobo foi parar num capinzal. Muito esperto, o preá tocou fogo no capim e o fogo começou a apertar, apertar.

– Ora, aí não tem lobo nenhum. O que saiu voando foi uma perdiz, disse um dos bichos.

Mas o jaboti sabia que era o guará que tinha virado perdiz e ficou vendo onde ela ia pousar.

– Vamos pessoal, a perdiz não está longe, ela está sentada naquele pau.

Depois de andar muito tempo, eles já estavam desanimado. Mas o jaboti continuava insistindo:

– Que nada, nós só andamos três meses e já estamos bem perto do lugar. O rumo é este.

Andaram, andaram até que chegaram. Bem na frente da casa das abelhas estava um marimbondo de cupim, destes que não deixa ninguém chegar perto.

Os passarinhos que iam experimentar o mel, quando chegavam perto, os marimbondos atacavam e ficavam tontos pra morrer. Então o beija-flor disse:

– Eu já vou tirar o mel prá nós.

Como ele é muito pequeno, os marimbondos não puderam alcançá-lo para ferroar. E o beija-flor tirou o mel que quis.

Então o jaboti foi pegar o mel e deu uma muda de planta para cada um. Assim a planta crescia e sustentava as abelhas.

Passou o tempo, aí um dia o chefe jaboti chamou todos e disse: – Agora vocês já podem pegar seus machadinhos e ir melar. O mato está cheio de mel. Tem de tudo.

Mel borá, mandaguarí, jatí, mandassaí, caga-fogo, tudo. Podem tirar quanto quiser, mas tira só o que for ocupar. Pode levar porunga. O que não for ocupar deixa lá mesmo, tapa bem o buraco e deixa guardado para pegar outro dia.

Até hoje nós temos bastante mel é por isso. Quando nós vai roçar, a gente acha eles.

PEQUENO VOCABULÁRIO OFAIÉ

Abelha jataí: rho-nhá-uê

Abelha mandaguari: ta-rhá

Água: fí-e

Anta: rhi-to-iê

Arara: euág

Arroz: cotiá

Cachorro: oti-guetâ

Casa: chô-e

Dourado (peixe): catói-tá

Ema: rhâ-nhão

Erva-mate: rhâh-tâh

Faca: qui-enîh

Feijão: rhâ-nhiet

Flecha: iaca-rhá

Gato: tecâcaraí

Homem: o-chiôt

Lambari: o-foí

Lua: catauâ-gaté

Mandioca: rhafuára

Mel: fuât

Meu pai: che-chô

Milho: anchí-et

Mosquito: o-ní

Mulher: o-têie

Não: reinhão

Onça: oqui-chô

Papagaio: catôt

Terra: rhâ-uêg

Tucano: ietá

Sim: cre-fí

EXPRESSÕES USUAIS

Como vai?: te-rhá?

Eu já vou embora: ari-cão

Eu vou com você: ari-hâ

Ele está doente: amrá

Está bom: angaraí

Está frio: rhe-tú



ESTAMOS AQUI !

Os Ofaié durante muito tempo foram perseguidos pelos caçadores de índios que andavam às margens do rio Paraná, onde sempre viveram.

A perseguição foi tanta, que no início deste século, haviam quase desaparecido como povo.

Há muitos anos eles lutam para sobreviver. Expulsos pelo boi e pelos fazendeiros, acabaram ficando sem terra para morar. Hoje estão no município de Brasilândia, no Mato Grosso do Sul, sendo um pouco mais de 50 pessoas.

Mas ainda contam com o apoio de todos para reconquistar suas terras, pois sem terra os povos indígenas não podem viver.

TERRA É VIDA!